Artigos & Ensaios

Configurações de guerrilha nos escritos de Jorge Amado

Guerrilla configurations in the writings of Jorge Amado

Uelton Silva Santos[1]

RESUMO

Investigaremos os aspectos de guerrilha acionada na literatura de Jorge Amado, tomando como base para tal reflexão o texto *A morte e a morte de Quincas Berro D'água* (2008). Iremos refletir como Quincas (personagem da novela citada) configura outros tipos de realidades na sociedade em que está inserido, maquinando outras possibilidades políticas e sociais, operando um diálogo com pensadores como Sobrinho (2017) e Quijano (2010).

PALAVRAS-CHAVE: Literatura; Guerrilha; Outras realidades.

ABSTRACT

We will investigate the aspects of guerrilla warfare in Jorge Amado's literature, based on *A morte e a morte de Quincas Berro D'água* (2008). We will reflect how Quincas (character of the novel cited) configures other types of realities in the society in which he is inserted, devising other political and social possibilities, operating a dialogue with thinkers such as Sobrinho (2017) and Quinjano (2010)

KEYWORDS: Literature; Guerrilla; Other realities.

[1] Mestrando em Literatura e Cultura, com pesquisa intitulada *Máquinas de guerrilhas: O lirismo cruel e o novo realismo em Marcelino Freire.*

Considerações iniciais

Quincas Berro D'água é um personagem que desorganiza a lógica do capitalismo, porque, ao longo da trama já mencionada, Quincas torna-se um vagabundo, deixando de conviver com a pequena-burguesia da qual fazia parte, afastando-se da família para viver uma vida de bebedeiras e jogos pelas ruas de Salvador. Quincas exerce a fuga, pois não quer estar dentro de um jogo de controle social.

Jorge Amado cria uma realidade onde Quincas é uma possibilidade de sujeito que exerce a liberdade. A família de Quincas tenta esconder que o personagem estava vivo após ter saído de casa para vagabundear pelas ruas e inventa a sua morte. Mas, como um fantasma, Quincas sempre aparece nos jornais e, às vezes, um conhecido avistava-o e dava notícias à sua família.

Quincas era o símbolo da vergonha de sua família, pois, através da narrativa, vemos toda a construção de uma lógica capitalista em torno dos seus parentes e amigos. O personagem citado fabrica uma desorganização em volta do capitalismo, porque simplesmente não faz parte desse sistema. Jorge Amado cria uma possibilidade de vida alternativa, acionando outra forma de relação social.

O escrito de Jorge Amado nos faz pensar as linhas de fuga, visando os sujeitos marginalizados como aqueles que estão presentes nas sociedades e que são abandonados pelo projeto de Nação que está sendo construído no Brasil do século XX. Para refletirmos sobre Quincas, utilizaremos Antonio Carlos Sobrinho (2017), pois ele nos ajudará a pensar o vagabundo como esse sujeito que produz uma lógica de realidade alternativa dentro da guerra amadiana.

A morte e a morte de Quincas Berro D'água é um texto que nos possibilita analisar a relação de produção capitalista e a família como uma instituição criada pelo sistema para gerar lucros, determinando os lugares de poder e de

subalternidade no mundo do trabalho e Quincas, ao fugir dessa relação de poder, nos faz problematizar as outras versões da realidade, isto é, os sujeitos que fabricam lugares fora da organização do Estado.

Tempos de guerrilha

Dentro da trama *A morte e a morte de Quincas Berro D'água*, o personagem citado funciona como um operador para tensionar o capitalismo, visto que, neste caso, o vagabundo funciona como aquele que está fora de uma máquina capitalista. A narrativa conta a estória de um funcionário público que abandona tudo para experimentar outro estilo de vida: fazer uma jornada rumo à liberdade. Quincas muda, na verdade, para outra rede de sociabilidade, para um mundo não organizado em função das máscaras sociais burguesas, onde é possível constituir verdadeiras relações afetivas uns com os outros. Nestes sentido, entendemos que *A morte e a morte de Quincas Berro D'água* é uma narrativa sobre liberdade, mas também sobre amor e também sobre amizade.

A família de Quincas é composta de pessoas que vivem nos moldes da pequena burguesia. A partir de aparências e mentiras, querem fazer parte da alta sociedade e, para manterem sua posição social de família respeitada, chegam a ponto de forjar a morte de Quincas para não serem julgados pelos seus amigos e conhecidos:

> Em realidade, num esforço digno de todos os aplausos, a família conseguira que assim brilhasse, sem jaça, a memória de Quincas desde alguns anos, ao decretá-lo morto para a sociedade. Dele falavam no passado quando, obrigados pelas circunstâncias, a ele se referiam. Infelizmente, porém, de quando em vez algum vizinho, um colega qualquer de Leonardo, amiga faladeira de Vanda (a filha envergonhada), encontrava Quincas ou dele sabia por intermédio de terceiros. Era como se um morto se levantasse do túmulo para macular a própria memória [...] (AMADO, 2008, p. 8)

A partir dessa citação, vemos que Jorge Amado utiliza Quincas como aquele personagem que vai desestruturar o funcionamento da pequena burguesia, utilizando a sua família como dispositivo para refletir sobre as máscaras da sociedade, porque Quincas deixou de ser útil para seus parentes quando decidiu ir para as ruas e abandonar o comportamento de homem trabalhador e respeitado. A imagem do vagabundo, neste caso, nos serve para entender que, em torno da máquina financeira, existe um mundo de aparências.

Por estar fora de um sistema de trabalho, Quincas não está subordinado à lógica capital e, mais que isso, ele também não está submetido ao sistema familiar. Ou seja, Quincas põe em tensão a moral e a ética que estão por trás do discurso de família. Jorge Amado configura, no texto, a desorganização das instituições de poder, tomando como ponto de partida a família de Quincas e não submissão do protagonista ao trabalho.

Jorge Amado, ao elaborar *A morte e a morte de Quincas Berro D'água*, está ensaiando outras realidades e estilos de vidas. O autor não está trabalhando com o discurso de inversão, ele está provocando-nos a pensar que as formas de vidas são heterogêneas e que as convenções sociais não dão conta de domar os corpos. Quincas é outro tipo de sujeito, porque ele fabrica uma subjetividade diferenciada, articulando pontos que vão desestabilizando a moral e a ética da família ocidental burguesa.

Como marxista, o olhar sociológico de Jorge Amado é um marco nos seus escritos, por isso a preocupação com as minorias, pontuando sua intimidade com o mundo político. A política, a cultura e a sociedade brasileira são acionadores de realismos inventados dentro da escrita de Jorge Amado. Realidades que vão nos mostrando que há outras possibilidades de vidas.

É dentro dos traços de marginalidade que a escrita de Jorge Amado ganha um teor de comprometimento social, o mesmo travado por personagens que vão tensionar o que seria um Brasil moderno. Falar sobre seu lugar, criando uma realidade alternativa, onde as formas de vidas marginais lutam para sobreviver nas

cidades e nas zonas rurais, forma um aspecto de registro histórico do avesso, porque cria um modo de se narrar outras formas sociais e políticas que não são encontrados nas histórias oficiais da Nação. Para tanto, Jorge Amado cria cenários literários que registravam as vidas que estão à margem.

Temos a presença dos quatro amigos de Quincas no velório e os quatro começam a falar do descaso com Quincas, pois a família dele não lhe deu um velório digno. Podemos notar que eles questionam a falsa importância da família do morto, que não quis gastar dinheiro com Quincas:

> Os primeiros tragos despertaram nos quatro amigos um acentuado espírito crítico. Aquela família de Quincas, tão metida a sebo, revelara-se mesquinha e avarenta. Fizera tudo pela metade. Onde as cadeiras para as visitas sentarem? Onde as bebidas e comidas habituais, mesmo em velórios pobres? Cabo Martim comparecera a muita sentinela de defunto, nunca vira uma tão vazia de animação. Mesmo nas mais pobres serviam pelo menos um cafezinho e um gole de cachaça. Quincas não merecia tal tratamento. De que adiantava arrotar importância e deixar o morto naquela humilhação, sem nada para oferecer aos amigos? (AMADO, 2008, p. 34)

No trecho, vemos a grande ironia inscrita pelo autor, operada através da falsa importância que a família de Quincas tinha, porque, além do que foi citado, a família do defunto não convidou ninguém para não passar vergonha, já que vinha mantendo a farsa de que Quincas havia morrido há anos. Mas, a ironia continuou, quando mais quatro vagabundos chegaram para velar o corpo de Quincas (os personagens amigos de Quincas). Neste momento, o narrador nos mostra o total desconforto de Vanda (filha de Quincas) e do resto dos integrantes da família que estavam presentes.

Dessa forma, o texto de Jorge Amado nos faz refletir sobre essa sociedade dual: de um lado o poder do capitalismo, operando o discurso de prosperidade e, por outro lado, a maioria da sociedade sendo empurrada para as margens por não ter posse desse capital, sociedade formada, na grande maioria, por pessoas de baixa renda.

Através da marginalidade de Quincas, podemos notar como são operadas as lógicas dos discursos de poder, porque Quincas só era um homem exemplar enquanto estava dentro da lógica capitalista, mas, quando resolve largar tudo para virar um vagabundo, sua família e seus amigos logo começam a lê-lo como uma vergonha para a sociedade.

Aníbal Quijano vai nos dizer que "quando se trata do poder, é sempre a partir das margens que mais costuma ser vista, e mais cedo, porque entra em questão, a totalidade do campo de relações e de sentidos que constitui tal poder" (QUIJANO, 2010, p. 87). Ou seja, a partir dos sujeitos marginalizados nos textos de Jorge Amado, temos a dimensão dos atos de atrocidade contra a população subalternizada e, ao mesmo tempo, temos toda uma visão geral da colonialidade instaurada na sociedade brasileira em virtude do benefício da elite. A colonialidade que configura um padrão de sujeitos: aqueles que são portadores dos saberes científicos e hegemônicos em todos os seus aspectos culturais, econômicos e sociais e que produzem uma outra classe social que não possui tal poder e serve apenas para manter em funcionamento o capital em nome do Estado, isto é, uma afirmação dos modos de saber e ser europeus e imperiais.

O modo como Quincas é tratado pela sua família, demonstra que estamos presos dentro de um paradigma colonial, já que não é aceita a escolha do personagem de virar um sujeito livre para experimentar outras realidades. Ou seja, as amarras sociais se tornam visíveis através das atitudes para com Quincas. Os amigos do personagem principal logo sentem a necessidade de ver Quincas do jeito que era antes e, ao serem deixados sozinhos no velório pela família do defunto, começam a tirar suas roupas e sapatos: "Quincas pareceu aliviado quando lhe retiraram o paletó negro e pesado, quentíssimo. Mas, como continuava a cuspir a cachaça, tiraram-lhe também a camisa. Curió namorava os sapatos lustrosos, os seus estavam em pandarecos. Pra que morto quer sapato novo, não é, Quincas?" (AMADO, 2008, p. 34). Quando o narrador diz que Quincas "pareceu aliviado",

podemos entender que não era somente por estar se livrando do paletó, mas era também por estar entre as pessoas que o deixam à vontade para ser livre.

A literatura amadiana busca um elo entre o que é ficcional e o que é real, mas para tensioná-lo, desequilibrando as formas de poder instauradas pela elite e, no caso da família de Quincas, eles estão buscando, ao máximo, aproximarem-se dessa elite. As guerrilhas no texto de Amado acontecem também através do "olhar" feminino sobre as questões cotidianas durante um contexto extremamente machista, como é no caso do romance *Gabriela, cravo e canela* e *Dona Flor e seus dois maridos*. Amado entende as fragilidades sociais da época e começa a tentar trazer linhas de escape por meio dos personagens marginalizados em seus textos.

Antonio Carlos Sobrinho (2017) nos mostra que os escritos de Jorge Amado oscilaram dentre duas vertentes políticas em toda sua trajetória como escritor: uma sendo a utópica, seguindo a lógica de um comunismo perante as mazelas capitalistas e, a outra, as possibilidades heterotópicas, isto é, escritos que pensavam as formas de vidas não somente pelo viés da opressão (poder e subalternos), mas dentro de um sistema complexo de relações entre indivíduos singulares, que formavam uma cadeia de infinitas possibilidades políticas e sociais, como é retratado a seguir:

> Na verdade, a utopia sustentou o direcionamento dos enredos amadianos enquanto foi possível para o autor mantê-la na condição de um equacionamento eficaz para as desigualdades inerentes ao capitalismo, posto espelhasse, por projeção no eixo do tempo, a transformação social então em curso na antiga União Soviética: qualquer experiência possível de liberdade era, neste momento, entendida sob a forma de emancipação das classes oprimidas e em uma relação sinonímica com a perspectiva de igualdade social.
> Os espaços heterotópicos, por sua vez, assumem o protagonismo quando o romancista se depara com as falhas do governo soviético, que adota uma feição totalitária e controladora sob a direção de Stálin. A descoberta de que o comunismo também produzia seus presos políticos, seus torturados, mortos e silenciados, o que se deu para Amado mais ou menos no momento de publicação da trilogia Os subterrâneos da liberdade, de 1954, fez com que o edifício da utopia associada ao Leste europeu desmoronasse (SOBRINHO, 2017, p. 26).

Ao lermos o trecho anterior, vemos que Jorge Amado mudou sua postura de reflexão sobre a vida quando se fez necessário, evocando nos seus textos a potência de uma escrita que se permite construir formas alternativas de acordo com as possibilidades que o próprio autor experimenta no seu cotidiano, mostrando seu comprometimento político. Gabriela (personagem do romance *Gabriela, cravo e canela*) nos permite pensar a sociedade tradicionalista do século XX, porque ela protagoniza uma trama cheia de reviravoltas, traições e olhares sobre sua posição subalterna e acerca da ascensão social e de poder que ela vivencia: posicionamentos dentro do cenário de Ilhéus que possibilitam uma outra versão do real para a sociedade do período, já que o lugar da mulher é problematizado dentro da narrativa. As inúmeras formas de vidas colocadas no texto citado criam uma abertura para as possibilidades heterotópicas, sendo Gabriela a protagonista que fala a partir de um lugar subalterno.

Gabriela vai ser aquela que experimenta a total liberdade, não se deixando oprimir pelo discurso patriarcal, provocando-nos a questionar a realidade instaurada no momento: o machismo, o preconceito e o próprio discurso de poder, assim como observado no texto a seguir:

> Tão bom ir ao bar, passar entre os homens. A vida era boa, bastava viver. Quentar-se ao sol, tomar banho frio. Mastigar as goiabas, comer manga espada, pimenta morder. Nas ruas andar, cantigas cantar, com um moço dormir. Com outro moço sonhar. Bié, gostava do nome. Seu Nacib, tão grande, quem ia dizer? Mesmo na hora, falava língua de gringo, tinha ciúmes... Que engraçado! Não queria ofendê-lo, era homem tão bom! Tomaria cuidado, não queria magoá-lo. Só que não podia ficar sem sair de casa, sem ir à janela, sem andar na rua. (AMADO, 1958, p. 142)

Na citação, vemos que Gabriela não quer viver presa dentro de casa, ela quer sair, divertir-se. Essa é a postura da personagem na narrativa: uma mulher que não se prende aos modos sociais e tradicionais da sua época, quando, por meio de discursos machistas, a mulher tinha de somente servir ao homem, sem ter

o direito de mandar na sua própria vida. Então, os movimentos políticos que a personagem fabrica tendem a tensionar os modos como a sociedade enxergava a mulher.

O personagem Nacib, apaixonado por Gabriela, fica em um impasse durante alguns trechos da narrativa, porque tem medo de assumir a amada para a sociedade de Ilhéus já que ela não era mais virgem (o maior dos problemas, ao ver do personagem). A liberdade que Gabriela exerce, pressupõe, para a elite da época, que ela não teria os dotes de uma mulher digna de um casamento. Toda uma luta é assumida sob a ótica de Gabriela:

> *Gabriela, cravo e canela* inicia um procedimento comum às narrativas heterotópicas de Amado, qual seja, a desconstrução da moral burguesa como forma de, por meio da rasura de seus valores, questionar e desfazer a sua centralidade no que concerne à organização estrutural da sociedade. (SOBRINHO, 2017, p. 61)

Por meio do trecho citado, percebemos que Gabriela fissura as formas hegemônicas de pensar do homem moderno, tornando possível imaginar uma sociedade operada através da singularidade dos corpos, já que Gabriela assume o papel da mulher que, por meio de insurgências, configura uma realidade diferenciada das vidas tradicionais de Ilhéus.

Gabriela, cravo e canela, assim como *A morte e a morte de Quincas Berro D'água* são operadores políticos para se pensar a heterogeneidade, porque os dois personagens protagonistas são partes de uma sociedade que é composta por vidas singulares e eles compõem essa realidade outra instaurada por Jorge Amado.

Tanto Gabriela quanto Quincas tensionam a realidade imposta pelo poder e criam possibilidades de realidades alternativas, pois suas próprias vidas são máquinas que fabricam fissuras nos discursos tradicionais, visto que ambos produzem uma certa liberdade, criando uma desorganização no que diz respeito ao projeto de Nação moderna.

Quincas não é um personagem que se encaixa em uma lógica hegemônica, pelo contrário, sua vida marginal sequer é calculada dentro de uma ótica de produtividade, já que não possui capital para isso ou mesmo produz, sua vida é calculada dentro de um eixo de subalternidade ou como sujeito inexistente, daí a cegueira do governo para com a sociedade marginal. Boaventura de Souza Santos (2006) vai nos dizer o seguinte:

> Trata-se de formas sociais inexistentes porque as realidades que elas conformam estão apenas presentes como obstáculos em relação às realidades que contam como importantes, sejam elas realidades científicas, avançadas, superiores, globais ou produtivas. São, pois, partes desqualificadas de totalidades hegemônicas que, como tal, apenas confirmam que existe e tal como existe. (SANTOS, 2006, p. 789)

A partir desse texto, confirmamos que Quincas faz o papel daquele que não é pensado dentro da lógica de consumo e produção. Da mesma forma, vemos que há uma organização daquilo que não pode ter um lugar dentro dessa modernização nacional, tornando a condição dos sujeitos marginais impossibilitadas de sobreviver a tal mudança. Porém, o que vemos é a resistência desses corpos. Através dos escritos amadianos, pensamos as resistências e não a produção de uma modernidade.

Quincas: o vagabundo, o poder e a guerrilha

A morte e a morte de Quincas Berro D'água, de Jorge Amado, é um dispositivo de fissura contra as formas capitalistas e tradicionalistas, porque se encontra dentro de uma lógica desorganizada daquilo que o discurso hegemônico produziu como normativo. Ou seja, Quincas viveu atormentando sua família por ser um sujeito fora do padrão social da burguesia e morreu, da mesma forma, tensionando a forma como a sua família agia socialmente:

> Era o cadáver de Quincas Berro D´água, cachaceiro, debochado e jogador, sem família, sem lar, sem flores e sem rezas. Não era Joaquim Soares da Cunha, correto funcionário da Mesa de Rendas Estadual, aposentado após vinte e cinco anos de bons e leais serviços, esposo modelar, a quem todos tiravam o chapéu e apertavam a mão. Como pode um homem, aos cinquenta anos, abandonar a família, a casa, os hábitos de toda uma vida, os conhecidos antigos, para vagabundear pelas ruas, beber nos botequins baratos, frequentar o meretrício, viver sujo e barbado, morar em infame pocilga, dormir em um catre miserável? Vanda não encontrava explicação válida. (AMADO, 2008, p. 10)

A citada Vanda é a filha de Quincas: uma mulher dissimulada, que fica feliz ao saber da morte do pai, pois, para ela, terminaria os dias de sofrimento por ter um pai que rompeu com todos os laços de organização familiar. Quando Joaquim Soares da Cunha abandona tudo para seguir uma vida nas ruas, começa toda uma trajetória de mortes sociais imputadas a ele.

Uma morte simbólica, constituída, uma vez envergonhada, a família mantém em segredo que Quincas está vivo, preferindo inventá-lo morto. Sua outra morte foi a seguinte: quando foi encontrado num quarto, onde ele realmente estava falecido E, por fim, na noite em que, supostamente, joga-se ao mar, em meio à tempestade. A narrativa conta que Quincas deu seu último berro.

Vemos que Jorge Amado ironiza a todo instante a forma como Quincas é visto pela família, fazendo um jogo de reversões sociais ao buscar, nos amigos marginais de Quincas, outros modos de pensar o sujeito protagonista do texto, desestabilizando os olhares tradicionalistas que a família exerce na narrativa, como notamos a seguir:

> Então Quincas Berro D'água fazia seu solene juramento: reservara ao mar a honra de sua hora derradeira, de seu momento final. Não haviam de prendê-lo em sete palmos de terra, ah! isso não! Exigiria, quando a hora chegasse, a liberdade do mar, as viagens que não fizera em vida, as travessias mais ousadas, os feitos sem exemplo. (AMADO, 2008, p. 22)

Como vemos, Quincas queria a liberdade e, mesmo no instante final da sua vida, ele queria viver da forma como quisesse e morrer exercendo esse livre arbítrio também. Quincas, em sua trajetória de vagabundo, cria uma realidade suplementar da personagem Gabriela, no sentido de que está dentro de um ambiente capitalista e resolve sair para viver livre das convenções políticas e sociais que eram impostas. No momento em que o personagem Quincas resolve procurar outro modo de viver, ele fabrica fugas dos moldes tradicionais de vida do século XX e opera dentro de uma possibilidade de guerrilha, visto que seu posicionamento tensiona a instituição familiar, que se trata de uma organização capitalista e burguesa.

Gabriela é de modo contrário ao de Quincas no que diz respeito à posição social que exercia na narrativa, porque ela foi uma personagem criada dentro de um âmbito subalterno, como cozinheira, mas que passa a conviver com a elite de Ilhéus e começa uma trama política sobre os modos de vidas que transitavam pelo cenário citado. A posição política de *A morte e a morte de Quincas Berro D'água* e *Gabriela, cravo e canela* têm em suas tramas planos sociais e culturais diferenciados, mas os dois ocupam-se de problematizar o poder. Quincas é um personagem opera dentro de uma linha de fuga, desenvolvendo seu papel enquanto sujeito que provoca a desestabilização. No fim da narrativa, por exemplo, temos o narrador dizendo que Quincas gritou que iria se enterrar como quisesse:

> "No meio da confusão". Ouviu-se Quincas dizer: "–Me enterro como entender Na hora que resolver". Podem guardar seu caixão Pra melhor ocasião. Não vou deixar me prender Em cova rasa no chão. "E foi impossível saber O resto de sua oração." (AMADO, 2008, p. 44)

A narrativa fala da liberdade que Quincas viveu desde que decidiu não se submeter mais às convenções sociais e, em meio à construção de um Brasil moderno, Quincas pressupõe a fuga do progresso hegemônico, isto é, a busca de uma nova realidade, onde os corpos, de um vagabundo no caso, possam escolher

como viver. A atitude de Quincas põe em tensão toda uma narrativa de construção, organização e moralidade ideologicamente fomentada no século XX.

A morte e a morte de Quincas Berro D'água permite-nos problematizar as convenções morais e éticas em que a sociedade burguesa é sustentada, levando-nos a refletir acerca das suas concepções hipócritas, no caso, quando a filha de Quincas sabe que ele morreu e fica feliz com tal acontecimento, pois estaria livrando-se de um problema para a família:

> Um suspiro de satisfação escapou-se-lhe do peito. Ajeitou os cabelos castanhos com as mãos, era como se houvesse finalmente domado Quincas, como se lhe houvesse de novo posto as rédeas, aquelas que ele arrancara um dia das mãos fortes de Otacília, rindo-lhe na cara. A sombra de um sorriso aflorou nos lábios de Vanda, que seriam belos e desejáveis não fosse certa rígida dureza a marcá-los. Sentia-se vingada de tudo quanto Quincas fizera a família sofrer, sobretudo a ela própria e a Otacília. (AMADO, 2008, p. 18)

Vanda sente-se aliviada ao ver o pai morto, porque, desse modo, sua família poderia finalmente deixar de se preocupar com os falatórios acerca da vida de vagabundo que seu pai levava. Ela também sabia que eles voltariam a ocupar o lugar de uma família descente em meio à sociedade, já que Quincas iria deixar de atormentá-los.

A heterogeneidade dos corpos encontrados em *A morte e a morte de Quincas Berro D'água* demonstra que a narrativa tem uma visão política que repensa os sujeitos dentro de uma sociedade que não é homogênea. Pelo contrário, é uma sociedade composta de vidas diferenciadas. Não é somente um olhar marxista refletindo de um ponto de vista de classes (subalternos e donos do capital), Notamos que isso não basta para Jorge Amado depois da sua frustração com o movimento comunista soviético, por conta das falhas que ele acaba enxergando no movimento político citado. O autor configura seus escritos dentro de uma ótica de singularidades. Anibal Quijano (2010) vai nos dizer que o caráter histórico proposto por Marx é de total interesse para os estudos sobre a sociedade,

principalmente, porque trata da sociedade dentro de um modelo capitalista e de exploração do subalterno, mas, diante dessa postura reducionista, onde enxerga-se somente duas fontes de problematização, a classe dominante e a classe dominada, temos uma redução das formas heterogêneas de vidas que compõem esse universo capitalista:

> Uma ideia, que originalmente foi proposta com claro caráter histórico por Marx, foi depois mistificada pelo materialismo histórico: o interesse de classe. Na medida em que a ideia de classe se tornou reducionista e se a-historizou, o interesse de classe no capitalismo foi reduzido à relação entre capital e salário. (QUIJANO, 2010, p. 117)

Dentro dessa perspectiva histórica sobre o capitalismo, ficam de fora as questões de gênero e raça, portanto, a singularidade e a subjetividade do sujeito. Jorge Amado muda sua estratégia de escrita por conta desses fatores cotidianos não tensionados dentro do materialismo histórico: falhas que vão sendo encontradas naquilo que ele acreditou por muito tempo e essa mudança passa a ser evidenciada nos escritos *Gabriela, cravo e canela* e *A morte e a morte de Quincas Berro D'água*, pois temos duas narrativas que são pensadas através das vidas heterogêneas dos personagens e suas relações com a família, o trabalho e a cultura.

Quincas, especificamente, constrói, por meio do seu estilo de vida, uma fissura objetiva no tradicional esquema ideológico burguês: notamos as farsas e as mentiras inventadas pela família dele para se manter em um lugar de prestígio na sociedade, ignorando a existência do personagem protagonista. Vez ou outra, Quincas aparecia em manchetes de jornais ou pessoas conhecidas viam-no nas ruas bêbado e sujo e contavam as histórias dele para os conhecidos, frustrando as personagens Vanda e Otacília (filha e esposa) principalmente.

A guerrilha, nos escritos de Amado, é construída mais na base da invenção de realidades outras. Os personagens são efetivos naquilo que querem ferir socialmente. Como é o caso de Quincas, que mostra, de forma aberta, sob quais

pilares são maquinadas as relações dos sujeitos, problematizando a elite e mostrando que há uma sociedade marginalizada em meio a um discurso de progresso. O personagem Quincas ria mesmo depois da morte ironicamente, ria da vida que sua mulher e filha levavam, as quais, ele denominou de “Jararacas” antes de sair de casa para virar vagabundo:

> Viu o sorriso. Sorriso cínico, imoral, de quem se divertia. O sorriso não havia mudado, contra ele nada tinham obtido os especialistas da funerária. Também ela, Vanda, esquecera de recomendar-lhes, de pedir uma fisionomia mais a caráter, mais de acordo com a solenidade da morte. Continuara aquele sorriso de Quincas Berro D’água e, diante desse sorriso de mofa e gozo, de que adiantavam sapatos novos – novos em folha, enquanto o pobre Leonardo tinha de mandar botar, pela segunda vez, meia-sola nos seus –, de que adiantavam roupa negra, camisa alva, barba feita, cabelo engomado, mãos postas em oração? Porque Quincas ria daquilo tudo, um riso que se ia ampliando, alargando, que aos poucos ressoava na pocilga imunda. (AMADO, 2008, p. 20)

O sorriso de Quincas pode ser considerado a arma de um guerrilheiro: um homem que não usa da força bruta ou da batalha militarizada, mas o sarcasmo, o próprio corpo como arma contra o poder. Quincas é um tipo de guerrilheiro que aciona métodos diversificados: a sua busca pela libertação das convenções do Estado inicia-se no seu combate contra a família e a sociedade à qual ele pertence, usando da vagabundagem como potência para fissurar as organizações de poder nas quais está inserido.

Podemos dizer que Quincas coloca todo um projeto de Nação em desequilíbrio, já que não opera junto a qualquer ideologia partidária em relação às políticas e o movimento literário da época, que estavam preocupados em inventar um novo Brasil. Construir uma não-nacionalidade nessa lógica é uma estratégia de combate, pois o que estava em jogo, no período, é a ruína dos sujeitos marginais dentro do modelo de sociedade que se queria, assim quebrando com o equilíbrio das narrativas em torno de espaços hegemônicos: as relações sofrem constantes colapsos a partir do modo de agir de Quincas. Em suma, uma nova lógica é criada.

Considerações finais

Jorge Amado se preocupa em acionar outras formas de vida em seus textos, operando fissuras no discurso tradicional capitalista. Um exemplo disso é o próprio Quincas Berro D'água, que não quer mais contribuir com a economia e, para isso, deixa de trabalhar e deixa de seguir o padrão normativo da organização hegemônica da família.

Os discursos maquinados por Jorge Amado são concebidos em exterioridade ao Estado, criando modalidades para pensarmos a sociedade de modo heterogêneo, formatando uma atmosfera diferenciada no tempo e no espaço do século XX.

Notamos as questões envolvendo as relações de produção capital constante nos escritos de Jorge Amado. As formas de vida acionadas pelo autor para tensionar a hegemonia, produzindo corpos marginais que não estão dentro dos padrões normativos de comportamento e, por isso, Quincas Berro D'água é uma máquina de guerra, porque está em fuga dos moldes capitalistas por ser um vagabundo (neste sentido, o personagem pensa a liberdade).

Referências bibliográficas

AMADO, Jorge. *A morte e a morte de Quincas Berro D'água*. Companhia das Letras, 2008.

_____. *Gabriela, cravo e canela*. Petrópolis – Rio de Janeiro, 1958.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia*. Vol, V. São Paulo, Ed. 34, 1997.

DELEUZE, Gilles. *O ato de criação*. Trad José Marcos Macedo. Edição brasileira: Folha de São Paulo, 1999.

MARIGHELLA, Carlos. *Mini Manual do Guerrilheiro Urbano*. 2. ed. Sabotagem: 1969. [Digitalizado em 2003]

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. IN: SANTOS, B. S. (Org.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010, p. 84-130.

SANTOS, Boaventura de Souza. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. IN:_. *Conhecimento Prudente para uma Vida Descente*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

SOBRINHO, Antonio Carlos. *Das possibilidades heterotópicas para uma experiência de liberdade:* Um estudo do universo ficcional amadiano. Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2017.

Recebido em 22/03/2019
Aceito em 22/07/2019